



DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO DE CASO COM UM ALUNO AUTISTA

Autora: Estefânia Laryssa Lopes de Matos

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – estefannialopes@gmail.com

Co-autora: Kaline Brasil Pereira Nascimento

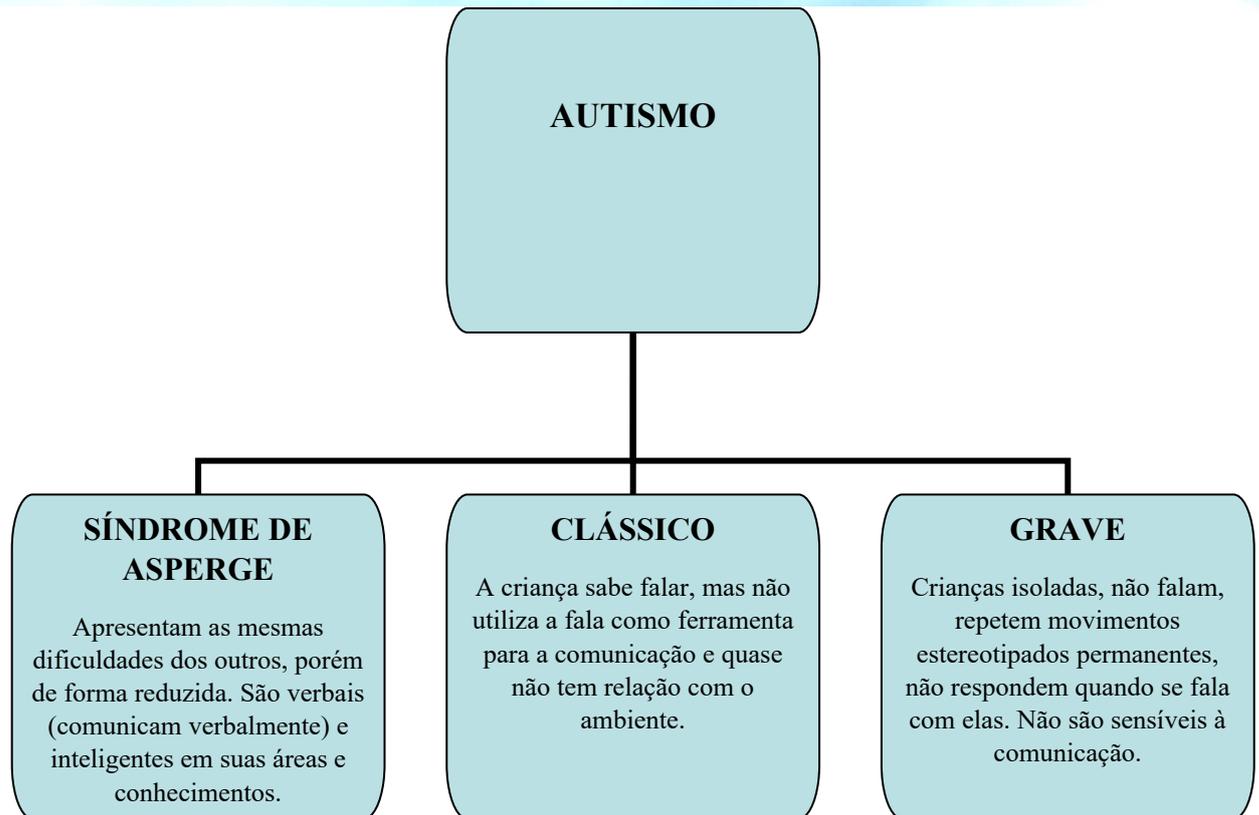
Instituto Federal da Paraíba (IFPB/Campus Cajazeiras) – k.aline.brasi@hotmail.com

Resumo: Desde o final do século XIX, se fala sobre inclusão educacional no Brasil (MENDES, 2010). Atualmente, existem vários planos de ações do governo que apontam para a necessidade de ‘educação para todos’. Nessa perspectiva, é fundamental que haja uma prática reflexiva do professor, a fim de que a inclusão educativa ocorra, de fato, na prática. A partir da contextualização feita, o presente estudo tem os seguintes objetivos: i) Investigar as principais dificuldades de um aluno autista de uma escola regular da rede privada de ensino, situada em Campina Grande-PB; e ii) Apresentar propostas de atividades que levem em consideração a educação inclusiva para esse aluno, bem como as implicações do uso dessas atividades no contexto mencionado. Como suporte teórico, utilizamos as contribuições de Stainback e Stainback (1999), Mazzota (2005), Rodrigues e Spencer (2010), que tratam sobre a educação inclusiva. Quanto à metodologia, a presente pesquisa é de cunho qualitativo, além de ser uma pesquisa-ação, por analisar uma situação específica, de maneira elucidativa, bem como por apresentar contribuições para a realidade de ensino em foco. A partir dos resultados, é possível concluir que, embora a realidade que envolve o aluno autista seja desafiadora e complexa, é possível desenvolver atividades pedagógicas significativas, com vistas a desenvolver a autonomia dos alunos, bem como a interação social - dificuldades apresentadas pelo aluno participante da pesquisa.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, Autismo, Propostas de atividades.

INTRODUÇÃO

De acordo com Sousa (2008), a inclusão social está relacionada à inserção de pessoas que não têm as mesmas oportunidades na sociedade. Essa inclusão tem como objetivo integrar tais pessoas à sociedade tornando-as construtivas, participativas e críticas. Pensando no contexto específico de sala de aula, a inclusão escolar diz respeito à educação para todos, como apontam Stainback e Stainback (1999), bem como Fernandes (2008). Segundo Rodrigues e Spencer (2010), o autismo - realidade sobre a qual se discute na presente pesquisa - é um distúrbio do desenvolvimento; e uma das características do autista é a necessidade de estabelecer rotinas, isolar-se, apresentando, conseqüentemente, dificuldades de socialização. Segundo Schwartzman (2012) - neuropediatra e especialista em Neurologia Infantil - em uma entrevista ao Dr. Drauzzio Varella - o grau de autismo pode variar entre grave, clássico e Síndrome de Asperge, como explica o quadro abaixo:



Com mais ou menos intensidade, a depender do grau, o autista pode apresentar dificuldades em realizar tarefas, de forma que se torna comum que as pessoas ao seu redor tendam a fazer atividades para o autista em detrimento de deixá-lo desenvolvê-las e ser autônomo. Tais dificuldades refletem em sala de aula, de forma que planejar atividades que considerem esses alunos é crucial para que a inclusão educacional ocorra, de fato.

No caso do participante da presente pesquisa, trata-se de um autista de grau clássico, visto que o aluno fala e compreende, porém não utiliza a fala como instrumento de interação social, o que dificulta a relação aluno-professor e professor-aluno, o aluno também quase não tem relação com o meio. A partir do exposto, este trabalho tem como objetivo investigar as dificuldades de um aluno autista de uma escola regular da rede privada de ensino situada em Campina Grande - PB, além de apresentar propostas de atividades que levem em consideração o aluno diagnosticado com autismo de grau clássico, investigando as implicações das atividades trabalhadas no contexto em foco.

METODOLOGIA



Este trabalho é uma pesquisa-ação, que, segundo Moreira e Caleffe (2008), acontece em dois estágios: o primeiro é o estágio do diagnóstico, a partir da análise dos problemas. O segundo é o estágio terapêutico, no qual essas hipóteses são testadas em uma situação social. Nesta pesquisa, o estágio do diagnóstico ocorre quando nos propomos a investigar as dificuldades do aluno. O estágio terapêutico, por sua vez, acontece quando com base nessas dificuldades elaboramos propostas de atividades que trabalhem de forma positiva essas dificuldades.

Ademais, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com o objetivo de analisar, interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, fornecendo uma análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, dentre outros (MARCONI; LAKATOS, 2010). As atividades apresentadas foram aplicadas em uma turma do 1ª ano do ensino fundamental, de uma escola regular, da rede privada de ensino e tem como participante um aluno diagnosticado com autismo de grau clássico, aqui também chamado de P (participante). Inicialmente, foram diagnosticadas as dificuldades do participante, a partir da observação e das notas de campo. Posteriormente, foram aplicadas atividades com vistas a promover a educação inclusiva e o desenvolvimento dos alunos em sala, com um olhar voltado para o aluno autista. Os resultados serão apresentados no tópico seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, serão apresentadas as dificuldades do aluno autista durante as aulas, bem como 2 atividades interrelacionadas, que foram aplicadas na turma de que P faz parte. Tais atividades foram elaboradas pensando nas dificuldades do aluno, assim como pelos pressupostos teóricos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Dificuldades de P:

A partir das observações feitas em sala de aula, percebemos que as principais dificuldades apresentadas por P foram: Isolamento, ou seja, o aluno apresenta dificuldades de interação social, não conseguindo se relacionar com outras pessoas, mantendo-se sempre afastado. Além do isolamento, é possível perceber em P dificuldades de compreender em alguns momentos, práticas de ações repetitivas, apresentando presença constante de olhares perdidos, sem um foco específico. Segundo Rodrigues e Spencer (2010), as limitações supracitadas são comuns aos autistas. Ao tratar da educação para alunos autistas, se faz necessário o estímulo à comunicação e à socialização,



entendendo que alunos autistas possuem dificuldades de aprender e precisam de alguém que o ensine passo a passo, conforme afirma Moral et al (2010). Consoante Rodrigues e Spencer (*Ibid*), para o tratamento do autismo, sugere-se a redução dos traços que o autista apresenta no sentido das relações sociais e de aprendizagem, ensinando ações aparentemente simples, mas que os tornem independentes, por esse motivo o que se propõe ao autista é torná-lo independente. A partir do diagnóstico feito, serão apresentadas atividades que têm como objetivo o desenvolvimento de toda a turma em foco, com um olhar voltado para P, a fim de promover a educação inclusiva no contexto real de ensino em que se deu a pesquisa.

• Atividade 1

Nessa atividade, os alunos fizeram associações dos vocabulários às imagens, corroborando com o pensamento de Rodrigues e Spencer (2010), que afirmam que o autista demonstra bom desempenho na atividade visual e que essa atividade tem como objetivo orientar o aluno no espaço escolar. Conforme afirma Rivière (1999, *apud* RODRIGUES; SPENCER, 2010, p.15), “precisamos desenvolver ao máximo as potencialidades e competências aproximando as crianças autistas do mundo humano e de relações significativas”. Com base nessa afirmação, as propostas de atividades foram pensadas e elaboradas de forma que pudessem trabalhar a autonomia dos alunos.



Figura 1¹

Dessa forma, as frases foram escolhidas intencionalmente, a partir do contexto social em foco. Inicialmente, os alunos receberam instruções sobre os significados de palavras específicas, tais como: *water, bathroom, pen, park* (água, banheiro, caneta, parque). Tais explicações deram-se

¹ Disponível em <googleimagens>



por meio do uso de imagens (*bathroom, park*, em português banheiro, parque) ou do uso do próprio objeto (*water, pen*, que significam água, caneta). Posteriormente, aos alunos foram apresentadas as seguintes frases, no seguinte formato:

CAN I USE YOUR PEN?

CAN I PLAY AT THE PARK?

MAY I GO TO THE BATHROOM?

CAN I DRINK WATER?

A partir do conhecimento de palavras-chave, os alunos tiveram que relacionar as frases acima com as figuras apresentadas anteriormente. A escolha das frases: *Can I use your pen?* (Posso usar sua caneta?), *Can I play at the park?* (Posso brincar no parque?), *May I go to the bathroom?* (Posso ir ao banheiro?) e *Can I drink water?* (Posso beber água?) foi intencional. No caso do pedido *Can I use your pen?* (Posso usar sua caneta?), foi escolhida para trabalhar o respeito entre os colegas, ressaltando que *School materials* (Materiais escolares) é um dos conteúdos que fazem partes das aulas, então *Pen* (caneta) pode ser substituído por outros vocabulários que eles já conhecem.

Sobre o pedido *Can I play at the park?* (Posso brincar no parque?), vale salientar que a escola é provida de um parque com brinquedos e jogos para que os alunos possam brincar e conversar com os outros colegas. É importante lembrar que nem todos os dias eles vão ao parque, devido às atividades complementares que os alunos têm no horário como, por exemplo: Ballet, Dança, Xadrez, Karatê, entre outros. Por esse motivo, eles pedem permissão para brincar no parque. A escolha desse pedido em LI (Língua Inglesa) deu-se, então, devido à frequência com que é utilizado pelos alunos, sendo esta uma forma de aproximá-los à LE (Língua Estrangeira) por meio da realidade contínua dos mesmos.



Os pedidos *May I go to the bathroom?* (Posso ir ao banheiro?) e *Can I drink water?* (Eu posso beber água?) foram escolhidos para que o comportamento social fosse trabalhado. Ou seja, é importante que o aluno desenvolva o respeito ao ambiente em que está inserido, bem como aos envolvidos nesse contexto – o professor e os demais alunos. Além disso, essa atividade pode colaborar para o desenvolvimento da autonomia, citado anteriormente e de grande importância no tratamento da redução dos traços do autismo.

Segundo Rodrigues e Spencer (*Ibid*), é importante que aqueles que convivem com o autista o ajudem na realização de tarefas, permitindo que o mesmo sinta-se seguro para alcançar seus objetivos. Dessa forma, faz-se improdutivo realizar as tarefas para o autista, ainda que a intenção seja positiva. Isso pode gerar uma superproteção e conseqüentemente impedir que o autista desenvolva por si só algumas atividades.

Na atividade aqui mencionada, a interação social, de fato, aconteceu, visto que P1 (dentro de suas limitações) interagiu significativamente com outros colegas. Esse resultado positivo se deu, também, pois a turma de P1 tem conscientização da inclusão social (mesmo que de maneira não consciente). Por esse motivo, as aulas se tornaram mais produtivas, com o uso da língua de maneira frequente. A escolha das atividades, dos comandos, dos pedidos, durante as atividades, foi um diferencial, pois foi possível perceber a interação entre os alunos, o desenvolver da autonomia, o desempenhar dos papéis sociais.

- Atividade 2

Essa atividade teve como objetivo contribuir para a prática do vocabulário já trabalhado, bem como promover interação entre os sujeitos, por meio de jogos lúdicos. A atividade realizada foi “jogo da memória”, um jogo de tabuleiro onde todas as cartas são embaralhadas e postas na mesa, os alunos tentam encontrar a frase correspondente à imagem. Se acertar, terá que dizer em voz alta a frase que tirou, como por exemplo: se o aluno tirar a imagem de um garoto bebendo água e a frase correspondente (*Can I drink water?* - Posso beber água?), o mesmo deve mostrar a carta para os colegas participantes do jogo, bem como ler a frase correspondente em voz alta. Seguem as imagens das cartas do jogo:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



MAY I GO
TO THE
BATHROOM
?



CAN I
DRINK
WATER?



CAN I USE
YOUR
PEN?



CAN I
PLAY AT
THE PARK?

Essa atividade foi elaborada com o intuito de promover a interação entre os alunos, bem como a revisão de vocabulários que foram utilizados na atividade 1. Como todo jogo é movido por regras, os alunos deveriam esperar um pelo outro para tirar as cartas, deveriam mostrar a carta que tirou e respeitar a vez do colega caso ele acertasse, por ter o direito de jogar outra vez, seguidamente. Foi possível perceber que as regras do jogo foram respeitadas por parte dos alunos, a comemoração quando achavam os pares das peças era contagiante, o que fazia com que o jogo se tornasse interessante para os alunos, o que é um ponto importante, segundo Fontes (1989).

As regras devem ser claramente explicadas anteriormente à turma, a fim de evitar alguns comportamentos incoerentes às regras. O objetivo da atividade foi alcançado, houve a interação por parte do aluno, o comportamento diante das regras, bem como a aquisição de um novo vocabulário e autonomia por parte do aluno, o qual conseguiu seguir o ritmo do jogo, visto que não exige muitas mudanças por parte dos jogadores, pois segue um ritmo só, o que é considerado para os autistas um ponto positivo. Durante a atividade, foi possível perceber que não houve resistência por parte do aluno em seguir as regras pré-estabelecidas, a atividade recebida por parte do aluno foi de forma motivacional, em que foi notória a interação dos mesmos. Observando P, foi possível perceber que o mesmo conseguiu realizar a atividade sem problema, principalmente porque o ritmo do jogo não muda se tem uma rotina o que para P1 é considerado um ponto positivo.



CONCLUSÃO

Tendo alcançado os objetivos da pesquisa, este trabalho apresentou as principais dificuldades de um aluno autista em contexto real de ensino-aprendizagem de língua inglesa, a saber: dificuldades de interação social, não conseguindo se relacionar com outras pessoas, mantendo-se sempre afastado, dificuldades de compreensão em alguns momentos, práticas de ações repetitivas, apresentando presença constante de olhares perdidos, sem um foco específico. Posteriormente, foram apresentadas duas atividades aplicadas no contexto em foco.

A atividade 1 diz respeito ao uso da linguagem não verbal, a partir de suportes visuais, para melhor compreensão da língua inglesa por parte do aluno autista. Com essa atividade, foi possível trabalhar a autonomia de P e a relação aluno-professor. A atividade 2 trata de um Jogo da Memória e envolve o exercício dos papéis sociais, a interação entre os participantes, bem como tem o lúdico como ferramenta para o desenvolvimento da LE, a partir do brinquedo/da brincadeira. Essa atividade promoveu desenvolvimento da LE, por meio de uma atividade lúdica, de entretenimento.

Sabemos que de forma geral, ensinar a alunos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais (PNEE) requer do professor uma busca incessante por conhecimento, para saber como trabalhar com tais alunos, uma estrutura adequada, bem como a utilização de recursos, ou até mesmo a criação de alguns dependendo da realidade em que está inserido o professor e o aluno. Dessa forma, o posicionamento do docente pode fazer toda a diferença para que a aprendizagem aconteça, de fato. É possível concluir, a partir dos resultados alcançados, que o ensino a alunos PNEE não é uma tarefa fácil; em relação ao autista a dificuldade encontrada está quando nos deparamos com a ausência em expressar reação por parte do aluno o que compromete a interação social e a aprendizagem. Portanto, é pertinente que professor tenha foco e seja persistente, buscando sempre caminhos que sejam eficazes no processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, o professor pode ser um agente da aprendizagem e da inclusão, fazendo-as caminhar juntas.



REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Sueli. Metodologia da educação especial. [s.l.]: IBPEX, [2008]. FONTES, Martins. A formação Social da Mente L.S VYGOTSKY. 3. ed.; São Paulo; Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1989.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 5. ed.; São Paulo; Editora Atlas S.A.; 2010.
- MAZZOTA, Marcos José Silveira. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. Revista Educación y Pedagogía. São Paulo. v.22. n.57. p. 93-109 ago. 2010. Disponível em: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyp/article/viewFile/9842/9041>. Acesso em: 10. jan. 2014
- MORAL, Adriana; SHIMABUKURO, Estela; CLETO, Andréa. Abordagem TEACCH e sua prática. Revista Autismo. [s.n]. 2010. Disponível em: . Acesso em:19 jul 2014
- MOREIRA, Erivelton. CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da pesquisa científica para o professor pesquisador. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina; 2008.
- RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. A criança autista: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak editora, 2010.
- SOUSA, Rosineide Marta Maurício de. A inclusão nos textos oficiais. 2008. Monografia (Trabalho Acadêmico Orientado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa- PB. Disponível em: . Acesso em 10 nov. 2013
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed. 1999.